

belo horizonte literária

a cidade e a poesia

*Kaio Carvalho Carmona*¹

Resumo:

O presente artigo pretende mostrar como a cidade de Belo Horizonte, capital mineira, desde a sua inauguração e principalmente com as primeiras décadas do século XX, esteve ligada intimamente à poesia como espaço de produção e como temática poética. Com Carlos Drummond de Andrade e os modernistas de *A Revista*, de 1925, a cidade entra na cena literária brasileira e se torna uma importante referência na produção literária e intelectual do país.

Palavras-chave:

Belo Horizonte; poesia; modernismo; Carlos Drummond de Andrade.

Abstract:

This article aims to show how the city of Belo Horizonte, capital of Minas Gerais, since its inauguration and especially with the first decades of the twentieth century, was closely linked to poetry as a production space and as a poetic theme. From Carlos Drummond de Andrade and the modernists of *The Magazine*, of 1925, the city takes place in the Brazilian literary scene and becomes an important benchmark in the literary and intellectual production of the country.

Keywords:

Belo Horizonte; Modernism; poetry; Carlos Drummond de Andrade.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail para contato: kaiocarmona@hotmail.com.

Como se sabe, a cidade de Belo Horizonte nasceu de um amplo projeto, conscientemente calculado, sob a égide positivista de ordenação e higiene, para inaugurar novos tempos nos fins do século XIX. Paris e Washington lhe serviram de modelo. Com um traçado geométrico e regular, a cidade ganhou contornos urbanos, saneamento, transporte, comércio, grandes corredores para circulação, edifícios públicos e até um projeto eólico, para se tornar a nova capital de Minas Gerais. Diferentemente de outras cidades, sua construção se impôs e transformou a geografia local, o pequeno arraial de Curral del Rei. A preocupação em construir uma cidade diferente foi, desde o princípio, planejada, como nos mostra Maria Zilda Cury:

Since its origin Belo Horizonte has revealed, in its historic process of formation, a character distinct from the other Brazilian capitals: It came into existence to respond to the ideals of be modern, with the obligation to rapidly become a great political and cultural center. A city planned on paper, it responded to the ideals of sanitation and regulation of space that so marked the urban reforms of European cities of the middle of the nineteenth century. (CURY, 2004, p. 597)²

Construída pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, a cidade adentra o século XX ganhando aplausos em todo o território nacional. Seu projeto impressionava sobretudo por inaugurar uma nova era, símbolo concreto da modernidade, da beleza e da higiene, bem ao gosto da época. Dentro desse espírito, inúmeros escritores e jornalistas, de dentro e de fora do estado, saudaram o modelo que deixaria para trás, com desdém, todo o passado colonial da antiga capital mineira, Ouro Preto. Rui Barbosa foi, no calor da hora, um desses entusiastas:

Por que Belo Horizonte? Já vos articularam o reparo e eu insisto. O adjetivo estreita aqui o vago, o mágico, o incomensurável deste nome. Todo e qualquer epíteto o apoucaria. *Horizonte* é que era, e devia tornar a ser. Esta se devia chamar simplesmente a cidade do Horizonte, ou apenas o horizonte, numa palavra indefinida, como as perspectivas da sua vista. Ouro Preto representa o coração da terra, as entranhas do trabalho, da luta e do sofrimento. Belo Horizonte, os céus, a vitória a conquista, a coroa da jornada humana, a alegria de viver na contemplação inenarrável do universo, o êxtase da admiração ante as maravilhas da obra divina, colhidas no relance de um olhar que se mergulha pela extensão sem plagas do azul. (BARBOSA, 1967 *apud* MIRANDA, W., 1996, p. 20)³

De fato, a histórica Ouro Preto estava já impedida, por inúmeros motivos, mas, principalmente, pelo geográfico, de permanecer como a capital mineira. Depois de longos debates políticos e de gestos fervorosos, tanto dos opositores quanto dos favoráveis à mudança, a região de Belo Horizonte – antigo Curral del Rei – foi escolhida para abrigar a nova capital. Teve início, então, a grande empreitada, fantasiosa para alguns no princípio, tornada realidade para muitos no ano de sua inauguração, 1897. O êxito do projeto recebeu antológicos elogios, como o de João do Rio:

Belo Horizonte foi feita outro dia como uma prova tranquila de energia. Mas de tal forma os que a fizeram estavam embebidos do sentimento impessoal da Beleza que a cidade inteira é, definitivamente, um miradouro do céu. O azul não está no céu, lá no alto. O azul está nas praças, está nas ruas, ondula nos montes, escorre das árvores, cerca as pessoas. Belo Horizonte, única e talvez a derradeira poesia da República. (RIO, 1920 *apud* MIRANDA, W., 1996, p. 100-101)⁴

O antigo arraial Curral del Rei passou por uma completa transformação, tendo suas velhas casas, choupanas, comércio e igrejas destruídas, sob a argumentação de que suas formas e traçados eram incompatíveis com o projeto modernizador idealizado pelos engenheiros responsáveis pela construção da nova capital. Dentro do espírito da modernidade impregnada nas vozes dos intelectuais do século XIX, não faltaram aqueles que se permitiram opinar sobre o projeto de construção. Curiosa, por exemplo, foi a postura de Machado de Assis, que sugeriu a mudança do nome da cidade:

... estamos assistindo a uma florescência de capitais novas. A Bahia trata da sua; turmas de engenheiros andam pelo interior cuidando da zona em que deve ser estabelecida a futura cidade. Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital, cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na Gazeta. Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome. Sobram na história mineira nomes honrados e patriotas para designar a capital futura. (ASSIS, 1894 *apud* MIRANDA, W., 1996, p. 19)⁵

De maneira detida e interessada, como afirma Machado de Assis, foi o parecer de Olavo Bilac, que esteve em Belo Horizonte, como correspondente de *A Gazeta de Notícias*, inspecionando o antigo arraial Curral del Rei e reproduzindo suas impressões, em linguagem prazerosa, nas páginas do periódico:

Mais meia légua. E, chegados a uma elevação de terreno, vemos toda a serra do Curral, estendida numa linha azulada, com o seu alto Pico topetando com as nuvens, a uma altura de 1.310 metros. Corre-se então com a vista toda a localidade escolhida para o estabelecimento da nova capital de Minas. É como um enorme anfiteatro dodecagonal, aberto para o Oriente, encostado à serra do Curral e ao norte à serra da Contagem.
[...]

Dali a meia hora, entramos na povoação. E com que surpresa e com que alegria! Supunha eu encontrar em Belo Horizonte uma ou duas dúzias de casas rústicas, num arraial quase morto, mergulhado num silêncio melancólico. Em vez disso, acho uma área povoada de mais de dois mil metros quadrados, em que levantam talvez duzentas casas – comércio animado, lavoura, curtumes, igrejas, dois hotéis, população alegre, sadia, afável, obsequiosa sem aborrecer, discreta sem matutice, e – principalmente... muitas moças que nada têm de feias... (BILAC, 1894 *apud* MIRANDA, W., 1996, p. 64-65)⁶

Contrários ou favoráveis, muitos dos escritores da época se debruçaram sobre a inovadora perspectiva de uma cidade nascida do papel. Poderíamos dizer que, desde o início, a vida de Belo Horizonte esteve ligada à literatura, e a cidade foi transformada em um campo de investigação poética, gerando temas para os poetas e promovendo, em seu território urbano, novos poetas que dela se alimentaram. Nesse sentido, vale bem lembrar uma curiosa “guerra de sonetos” sobre a inauguração da cidade, resgatada por José Américo Miranda em seu artigo “Poesia e polêmica no nascimento da cidade”:

Entre os que passam suas vidas correndo e lutando pela sobrevivência nas ruas de Belo Horizonte, poucos são os que se dão conta do caráter parnasiano da cidade, pelo risco de sua planta, por sua primeira arquitetura, particularmente a dos prédios públicos, e pela conformação linear dos limites que lhe foram dados pela avenida do Contorno. Menor ainda é o número dos que sabem que na origem mesma da cidade encontra-se uma guerra de sonetos. (MIRANDA, J., 1995, p. 97)⁷

Segundo Miranda (1995, p. 98), o padre José Joaquim Correia de Almeida, conhecido também como padre Mestre, por ser professor de latim, era rigorosamente contrário à transposição da capital e deixou exposta em sonetos, satiricamente, sua recusa: primeiro, esboçou sua firme posição ao criticar a possibilidade de se mudar a capital mineira; depois, colocou-se contra os partidários da mudança, criticando o neologismo “mudancista” e deixando registrado, em vários sonetos, seu protesto. Desses poemas, vale lembrar aquele que desencadeou a “guerra de sonetos” referida:

Mudança da Capital de Minas

Esse Curral Del Rei, Belo Horizonte,
produtiva invenção de sindicato,
inculca-se por lebre, mas é gato,
conforme já se sabe no Itamonte.

Veloso amigo embora suba o monte
no intuito e desempenho do mandato,
creio que lhe não faço desacato
dando-lhe uma pitada de simonte.

Os queijos e o toucinho estarão salvos,
se espertos impingirem a papalvos
por fecunda campina um bamburral.

E a empreitada seria de grão lucro,
se o congresso mineiro, com ser xucro,
se deixasse levar para o curral.

(ALMEIDA *apud* MIRANDA, J., 1995, p. 100-101)⁸

O soneto do padre, depois de publicado e levado ao conhecimento público, obteve resposta, também poética, de um dos articuladores da mudança da capital: Augusto de Lima, sob o pseudônimo “SIN-DI-K”, publicado no periódico *Movimento*:

Resposta

Ó padre, ó vate de horizonte estreito,
Tomador de pitadas de simonte,
Não podes desejar “belo horizonte”
Amas a toca, estás no teu direito.

O sindicato, eis o maior defeito!
No entanto, nem preciso é que te aponte,

Nem que mandem dizer lá do Itamonte,
Tens junto a ti um sindicato feito.

Falas em espertezas! Que virtude!
Desejas só que a capital se mude
Para um lugar livre da ladroeira.

Ora bem, não sítio mais barato,
Nem mais farto de aguadas e bom mato,
Mais honesto e melhor que a Mantiqueira
(LIMA *apud* MIRANDA, J., 1995, p. 102)

A guerra de poemas continua, com direito a “Réplica”, “2ª resposta”, “Tréplica” e outros tantos sonetos cujo tema sempre versava sobre a mudança da capital ou a construção da nova cidade. Como se vê, Belo Horizonte não só é filha de uma vontade política e de engenharia, como também é matéria de inúmeros poetas, além de personagem de romances, novelas, contos e memórias que seguiram construindo e inventariando uma história literária da capital mineira. A íntima ligação da cidade com a literatura se dá, pois, desde a sua fundação, crescendo com o passar do tempo e a vida de seus novos habitantes, como veremos a seguir.

Depois de uma “estrela literária”, com os muitos poemas sobre sua inauguração e o romance *A capital*, de Avelino Fóscolo, em 1903,⁹ Belo Horizonte ganha, de fato, no meio cultural e literário, a notoriedade que a coloca em uma condição nacional de referência, a partir da década de 1920, por meio do Modernismo mineiro.

Com o crescimento da cidade, surge também, no campo artístico, a tentativa de apreender no calor da hora as novidades e os conflitos que o espaço citadino oferece, promovendo uma procura pelos significados desses novos tempos. Nesse sentido, Belo Horizonte encontrava-se no mesmo passo que outras grandes cidades brasileiras. O Modernismo, nascido em São Paulo e assimilado por outros centros urbanos do país, encontra no cotidiano das cidades um amplo *corpus* material, temático, social e espiritual que promove livremente seu desenvolvimento. Há algo de cíclico nesse sentido: o Modernismo nasce dos centros urbanos e deles se alimenta fartamente. O ritmo da vida urbana dá o tom à estética da rapidez, da fragmentação e da simultaneidade, tão caras ao movimento e tão próximas do Futurismo de Marinetti.

Isso se dá, em Belo Horizonte, sobretudo a partir da publicação de *A Revista*, em 1925, já que a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, não causou, de imediato, transformação nos jovens escritores mineiros, tendo em vista a pouca importância dada ao evento pelos jornais locais. Lembra-nos o próprio Drummond:

Imediatamente, [a Semana de Arte Moderna] não repercutiu de modo algum. Tanto quanto posso lembrar-me, o pequeno grupo de rapazes mineiros “dado às letras” não tomou conhecimento. Explica-se: só por acaso líamos jornais paulistas, e os do Rio não deram maior importância ao fato, se é que deram alguma. (DRUMMOND *apud* SILVA, M., 1984, p. 87)

Mas se faltou ao movimento paulista, logo de saída, uma correspondência mineira, a Caravana Paulista cumpriu o papel e estreitou os laços literários entre os dois estados. Em 1924, vem a Minas Gerais a caravana modernista: Olívia Penteado, Godofredo da Silva Teles, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seu filho Noné, trazendo o poeta franco-suíço Blaise Cendrars. Ao visitar Belo Horizonte, a caravana deflagra o diálogo do grupo mineiro com a proposta paulista e se espalha pelo país, promovendo um vínculo literário, articulado não só em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro e no Nordeste do Brasil. A amizade aberta com os paulistas, principalmente entre Drummond e Mário de Andrade, fornece o sopro para acender as labaredas da irreverência mineira no cenário cultural de sua nova capital. Novamente, as palavras de Drummond são esclarecedoras:

Uma das coisas mais importantes para a vida do nosso grupo foi a visita, logo depois da semana santa de 1924, da caravana paulista. (DRUMMOND *apud* SILVA, M., 1984, p. 87)

Desse encontro com os modernistas de São Paulo, o nosso modernismo, até então quase solitário, tirou seiva para se encorpar. (DRUMMOND *apud* SILVA, M., 1984, p. 213)

Os mineiros não se fizeram esperar. No ano seguinte ao encontro, é publicada *A Revista*, que tem apenas três números, mas todos muito significativos para configurar o quadro que se estenderia a partir daí. Lembre-se também de que, na época, pode-se dizer que eram quase regra as publicações de vida efêmera. Por meio de *A Revista*, o movimento modernista mineiro acaba alcançando uma ressonância que ultrapassou o eixo cultural Rio-São Paulo.

O núcleo de escritores modernistas da cidade, que desde 1921 reunia-se nos lugares da boemia intelectual da cidade, era formado por Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Emílio Moura, João Alphonsus, Mário Casasanta, Martins de Almeida e Pedro Nava. Esse grupo, quase todo formado por jovens e estudantes, elegeu para seus encontros e debates certos pontos da cidade – como o Bar do Ponto, a Livraria Alves, o Café Estrela, enfim, a Rua da Bahia – que fariam história, tornando-se referência para as futuras gerações de poetas, além de matéria suculenta para os romances de Pedro Nava, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino e Humberto Werneck.

Curiosamente, *A Revista* foi editada em órgão público, monitorado pelo governo do momento: o jornal *Diário de Minas*. Embora fosse uma instituição vinculada ao Palácio da Liberdade, já que pertencia ao Partido Republicano Mineiro, o jornal permitiu que os até então aspirantes a jornalistas e escritores exercitassem livremente suas propostas modernistas. Em seu livro *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*, Maria Zilda Ferreira Cury realiza uma pesquisa acurada sobre o jornal *Diário de Minas* e esclarece ao leitor a produção do periódico:

O *DM* apresentava-se, comumente, com quatro páginas. Em algumas ocasiões especiais (apresentação dos princípios do Partido Republicano Mineiro, ao qual se achava ligado visceralmente; aniversário do jornal; quando era feito algum discurso ou prestação de contas de políticos situacionais) podia ter mais páginas. Era bastante farto em anúncios: propaganda de medicamentos, de casas de comércio e de gabinetes de advogados, trabalhos de impressão etc. Em meio às notícias de natureza política – especialmente às de divulgação de atos do PRM de que era o jornal oficial – e aos artigos, muitas vezes assinados, que discorriam sobre iniciativas de ordem econômica dos governos federal e estadual, misturavam-se assuntos da mais variada ordem: comentários sobre filmes em cartaz, divulgação das atividades da Academia Mineira de Letras e dos centros acadêmicos, registro de nascimentos e óbitos, listas das farmácias de plantão, requerimentos da Junta Comercial. (CURY, 1998, p. 30)

Como a própria autora alerta, o jornal estava “visceralmente” ligado ao Partido Republicano Mineiro. Esse contexto paradoxal da produção de *A Revista* também foi flagrado pelos jovens modernistas:

“O *Diário de Minas*, lembra-te poeta? Duas páginas de Brilhantina Meu Coração e Elixir de Nogueira, uma página de: Viva o Governo, outra – doidinha – de Modernismo.” Assim escreve Drummond sobre o jornal, em poema dedicado ao companheiro de geração, Emílio Moura. Na reverência ao amigo, o *Diário de Minas* é retratado por sua postura paradoxal de ser um jornal conservador e, ao mesmo tempo, por abrir portas ao grupo renovador. De resto, a aliança entre tradição e modernidade é a marca mais característica do Modernismo mineiro. (CURY, 1998, p. 29)

Três seções compunham as páginas de *A Revista*. A primeira continha poemas, ensaios, crônicas, passagens de romances e artigos críticos. Dela participaram não só autores de Minas como também de outros estados, dando vida ao diálogo iniciado com a Caravana Paulista. A segunda seção, “Os livros e as ideias”, trazia críticas literárias de livros nacionais e estrangeiros. A terceira, intitulada “Marginália”, era dedicada a notícias da cidade, informações gerais e notas sobre *A Revista*.

Inúmeros críticos literários se debruçaram sobre o Modernismo mineiro instaurado na década de 1920 e sobre a publicação de *A Revista*.

Para Fernando Correia Dias (1975), o Modernismo em Minas Gerais se dá pela formação de grupos não só na capital, mas também no interior, tal como aquele que se formou em torno da irreverente revista *Verde*, de Cataguases, e da variante *Leite Criolo*, espécie de “réplica africanista” ao movimento antropofágico nascido em São Paulo. As revistas modernistas mineiras, para esse crítico, constituem forças de expressão grupal, em um esforço declaradamente coletivo, enquanto a publicação de livros, como *Alguma poesia* (1930), de Carlos Drummond de Andrade; *Galinha cega* (1931), de João Alphonsus; *Ingenuidade* (1931), de Emílio Moura; *Brasil errado* (1930), de Martins de Almeida, constroem as realizações pessoais como expressão do tempo modernista em Belo Horizonte.

Os modernistas mineiros foram capazes de valorizar todo um passado intelectual sem, contudo, repudiá-lo. Ou seja, há nesses rapazes “dados às letras” a consciência da importância da tradição para a continuidade da vida intelectual mineira. Conseguiram também realizar conciliações, tanto em âmbito nacional, a partir do diálogo com os paulistas, quanto na filtragem da influência europeia, em uma postura cosmopolita, como bem se vê nos dois editoriais de *A Revista*, em que as palavras *regionalismo*, *nacionalismo* e *cosmopolitismo* aparecem de maneira explícita e interessada.

Foi também preocupação dos mineiros o desejo de compreender o mundo por meio da razão (Cf. BOMENY, 1994) e explicar um Brasil em crise, de maneira crítica e consciente. Fernando Correia Dias marca, sobretudo, a “significação do Modernismo Mineiro” em Belo Horizonte. Destacamos suas palavras:

Na cidade de Belo Horizonte, principalmente, os efeitos do debate de ideias e da divulgação dos produtos intelectuais do Modernismo causaram um impacto muito poderoso. Foram múltiplas as controvérsias, sucederam-se

as incompreensões nos meios literários, surgiram numerosos equívocos. Mas o saldo foi positivo. Em termos de abertura de caminho. Todos os grupos e todas as publicações de moços, surgidas posteriormente em Belo Horizonte, beneficiaram-se direta ou indiretamente do pioneirismo da geração de 1925. Os remanescentes do grupo modernista que continuaram vivendo em Belo Horizonte mantiveram contatos benéficos com os componentes dos outros grupos que foram surgindo. O saldo foi também positivo em termos de arejamento do ambiente intelectual mineiro. (DIAS, 1975, p.176)

O autor assinala também a aventura dos mineiros para além das montanhas, ou seja, a relação do grupo com outros estados brasileiros:

Com São Paulo, os mineiros se relacionam intimamente ao experimentar a persistente influência dos pioneiros paulistas. Com o Rio de Janeiro se relacionaram igualmente. Houve intercâmbio (com Manuel Bandeira, com Schmidt, Vinicius de Moraes, com Marques Rebelo, com Cecília Meireles) e houve principalmente a atração da antiga capital sobre os mineiros, que para lá se foram transferindo aos poucos. (DIAS, 1975, p.177)

O livro *O Modernismo*, organizado por Affonso Ávila, em 1975, faz um balanço do Modernismo após passados 50 anos. Dentre as inúmeras leituras valiosas, figura a de Laís Corrêa de Araújo, com o ensaio “A poesia modernista de Minas”. Segundo ela, o grupo, embora ilhado na província mineira dos anos 1920 e isolado do barulho realizado pelos paulistas, encontrava-se preparado para uma renovação do cenário cultural, através de questionamentos conscientes acerca da vida artística e política brasileira. O desejo de participação acaba se realizando na publicação de *A Revista*, em 1925:

Quando aparece o primeiro número de *A revista*, em julho de 1925, percebe-se – apesar ou por causa do tom juvenil de suas proposições iniciais dirigidas “aos scepticos” – o despertar de uma consciência de pesquisa, de uma liberdade de pensar, de um espírito de brasilidade que se definiria mais tarde numa “mineiridade” contundente em sua expressão e caracterização cultural. (ARAÚJO *apud* ÁVILA, A., 1975, p. 182)

Tal como Fernando Correia Dias, Laís Araújo enxerga no Modernismo mineiro dois caminhos – o primeiro, constituído pelas forças dos discursos do grupo; o segundo, a partir do talento individual – e cita, como expressão máxima dessas vertentes, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Murilo Mendes, destacando o que seria a marca intrínseca desses poetas:

A superação do nacionalismo utópico e ingênuo, em termos de traços e processos culturais qualitativos, sob a perspectiva do real-poético, da experiência pessoal e da desmistificação da informação redundante ou falsificada (Carlos Drummond de Andrade);
A inquirição, ao nível de unidade de configuração mental, de uma linguística de descrição, análise e redução da experiência afetiva e conceitual (Emílio Moura);
O levantamento, no estágio da percepção filosófica, dos padrões do comportamento humano, de assimilação e conflito, interação e dissipação, dispersão e correlação, por meio de operações lúdicas próprias do universo linguístico da poesia (Murilo Mendes). (ARAÚJO *apud* ÁVILA, A., 1957, p. 191)

O ensaio de Laís Corrêa Araújo é acurado e deixa ao leitor uma leitura precisa do Modernismo mineiro a partir de seus maiores nomes, estabelecendo uma linha de reflexão que enxerga o movimento não apenas como a decorrência da Semana de Arte Moderna, mas como uma renovada conscientização do fenômeno estético. Para a autora, essa operação encontra em Minas Gerais campo fértil para sua realização, já que toda a estrutura contextual – o sistema agrário decadente, a mentalidade conservadora e repressiva e o forte apelo religioso – possibilitou, e até mesmo exigiu, uma intervenção nesse sentido.

Na esteira do Modernismo brasileiro, porém, o movimento de Minas Gerais preocupou-se com a questão da nacionalidade e, ao mesmo tempo, com a ruptura com a tradição literária. Claro, como já se indiciou, tal ruptura se deu por constantes retomadas, na linha do que Octavio Paz denominou como “tradição da ruptura”, em que a ruptura, para além de um gesto inovador, se naturaliza pela frequência.

Segundo Antônio Sérgio Bueno, *A Revista* “representa um momento privilegiado na história literária de Minas Gerais, porque contém em seu espaço textual dois tipos de retórica: a passadista e a modernista” (BUENO, 1982, p. 35). Há uma espécie de desejo da permanência de uma linguagem já estabelecida em oposição a uma corrente de inovação convivendo em um mesmo suporte.

Há uma luta surda pelo *poder literário* à revelia dos autores. Frisamos bem: não se trata de competição conscientemente estabelecida entre os participantes de *A Revista*. As retóricas (e as ideologias) lutam entre si, na críspada justaposição dos textos, para além da lealdade pessoal entre os autores. (BUENO, 1982, p. 35, grifo do autor)

Há entre os críticos certo consenso que permite olhar para esse primeiro momento modernista apresentado em *A Revista* como um tempo marcado pela conciliação. Ou seja, convivem no mesmo suporte a ruptura de uma nova linguagem e a valorização da tradição. Para Antônio Sérgio Bueno, os modernistas defendem o nacionalismo como uma busca pelo caráter fundamentalmente brasileiro e, para isso, lançam mão de uma integração entre os elementos regionais, nacionais e universais. Mais uma vez as palavras desse autor são necessárias:

Os modernistas mineiros de *A revista* acoplam seu enfoque da região a um “sentimento do mundo”, universalizando sua realidade local (ver textos de Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Godofredo Rangel, João Alphonsus etc.). A exemplaridade das situações confere uma amplitude universal ao encanto particular do pitoresco. (BUENO, 1982, p. 181)

Para os modernistas, parecem ser significativas as figurações de cidade, como se vê em textos como *Pauliceia desvairada* e *Memórias sentimentais de João Miramar*, dos paulistas Mário de Andrade e Oswald de Andrade, respectivamente. Em Minas Gerais, Pedro Nava engrossa o coro desse espírito do tempo com seu *Beira-mar*, ao tratar da formação de sua geração por meio da relação com a cidade de Belo Horizonte. Mesmo que décadas depois, esse sentimento vivenciado pelos jovens modernistas é capturado de maneira singular em sua escrita memorialística. Com detalhada descrição da cidade, a narrativa de Nava revela enorme valor documental, historiográfico e sociológico e acaba intensificando a discussão iniciada dentro de um pensamento artístico-literário sobre a relação entre regional e nacional. Já nas primeiras décadas de vida, a partir dos “rapazes modernistas” e das muitas obras que se seguiram referenciando o período, Belo Horizonte ganha páginas relevantes na literatura nacional.

Referências

ÁVILA, Affonso. *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. Depoimento. In: BUENO, Antônio Sérgio (Org.). *Affonso Ávila*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários/UFMG, 1993. p.17-50.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio De Janeiro: UFRJ; São Paulo: Tempo Brasileiro, 1994.

BUENO, Antônio Sérgio. *Affonso Ávila*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários/UFMG, 1993.

_____. Affonso Ávila e a geração de Tendência. *Scripta*, Belo Horizonte: PUC Minas, v.1, n. 1, p. 53-59, jan. 1997.

_____. (Org.). *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: PROED. Imprensa – UFMG, 1982.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Complemento: uma geração em revista. *Varia Historia*, v. 18, n. 1, p. 241-269, set. 1997.

_____. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Ouro Preto, Belo Horizonte, Brasília: the utopia of modernity. In: VALDES, Mario J., KADIR, Djelal. *Literary Cultures of Latin America: a comparative history*. Vol. II The cultural centers of Latin America. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 597-614.

DIAS, Fernando Correa. Gênese e expressão grupal do Modernismo em Minas. In: ÁVILA, Affonso. *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva: 1975. p. 165-178.

MIRANDA, José Américo [José Américo de Miranda Barros]. Poesia e polêmica no nascimento da cidade. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses (CESP)*, v. 15, n.19, p. 97-109, jan./dez. 1995.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

_____. *Belo Horizonte: a cidade escrita*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1996.

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. *A Revista: contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais*. 1984. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

Notas

2 Tradução livre: Desde a origem, Belo Horizonte revelou no seu processo histórico de formação um caráter distinto de outras capitais brasileiras: nasceu para ser moderna, com a obrigação de rapidamente tornar-se um grande centro político e cultural. Cidade planejada, nascida no papel, responde aos ideais de higienização e regulação do espaço que tanto marcaram as reformas urbanas das cidades europeias do século XIX.

3 BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Rio de Janeiro: MEC, 1967. v. 37, t.1: Conferência de Belo Horizonte, p. 253.

4 RIO, João do. *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Paris: Aillaud; Lisboa: Bertrand, 1920. p. 99-110: No miradouro dos céus.

5 ASSIS, Machado de. *A semana*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1894.

6 BILAC, Olavo. Belo Horizonte – a nova capital de Minas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jan. a 30 jan. 1894.

7 Toda essa polêmica é narrada de forma bastante esclarecedora por José Américo Miranda, e é revelada com detalhes analíticos na publicação feita no *Boletim do CESP*, v. 15, n. 19, jan./dez. 1995

8 O texto de José Américo de Miranda traz a seguinte nota com a indicação da fonte de onde as informações e os poemas citados foram retirados: “As informações históricas sobre a mudança da capital de Minas para Belo Horizonte foram retiradas da obra de Waldemar de Almeida BARBOSA (*História de Minas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979. v.3 p. 645-656) e Abílio BARRETO (*Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. Belo Horizonte: Rex, 1936. 2v.)”.

9 O romance é considerado um marco da literatura da cidade, já que tematiza a própria construção da nova capital mineira, reescrevendo sua história. Nesse sentido, os trabalhos *Hoje tem espetáculo: Avelino Fóscolo e seu romance*, tese de 1984, de Letícia Malard, e a dissertação *A cidade de papel*, de 1998, de Luciana Marino do Nascimento, são importantes leituras para a compreensão do momento de feitura da obra de Fóscolo, bem como da trajetória do escritor nas Minas Gerais.